

**EVAS E LILITHS: AS MULHERES DE JOSÉ DE ALENCAR**

Data de recebimento: 30/08/2016
Aceite: 01/11/2016

Soila CANAM (UFMT) ¹

Resumo: Este trabalho apresenta análises de duas obras de José de Alencar, com o objetivo de estabelecer analogias e as relações entre as protagonistas e alguns mitos femininos. Dividido em três blocos, o estudo apresenta uma síntese do Romantismo e uma breve biografia do autor. Em seguida a paráfrase das obras *Lucíola* e *Senhora*, com o intuito de evidenciar as características das personagens. A terceira parte apresenta alguns mitos femininos, com destaque para Eva e Lilith, e suas relações com Lúcia e Aurélia. Com o estudo é possível compreender a essência da alma de suas heroínas, bem como os papéis que lhes eram impostos pela sociedade contemporânea aos romances. A leitura permite afirmar a existência de espaços cabíveis a homens e outros às mulheres. Nesse sentido, Alencar desenvolve os enredos de *Senhora* e *Lucíola* numa relação adversa. Se por um lado, Lúcia percorre a obra habitando em todos os espaços, sem restrições, e isso somente é possível pela sua condição de cortesã. Por outro, Aurélia movimenta-se em locais pertinentes às moças e senhoras de respeito. Essas contradições e conflitos marcam essas obras, com a identidade própria de Alencar. Um autor genuinamente nacional, consciente de seu papel como escritor na sociedade da época. De modo geral, suas obras valorizavam o amor, a religiosidade e a natureza, na intenção de desenvolver uma literatura nacionalizada. Uma verdadeira expressão da alma brasileira, que possibilita aos seus interlocutores uma leitura de transição temporal, do Romantismo ao Realismo.

Palavras Chave: José de Alencar. Romantismo. *Lucíola* e *Senhora*. Mitos femininos.

Abstract: This work presents analyzes of two works by José de Alencar, with the aim of establishing analogies and the relations between the protagonists and some feminine myths. Divided into three blocks, the study presents a synthesis of Romanticism and a brief biography of the author. Then the paraphrase of the works *Lucíola* and *Senhora*, in order to highlight the characteristics of the characters. The third part presents some female myths, especially Eva and Lilith, and their relations with Lucia and Aurelia. Through study it is possible to understand the essence of the soul of their heroines, as well as the roles imposed on them by contemporary society in romances. The reading allows to affirm the existence of spaces suitable for men and others for women. In this sense, Alencar develops the plots of *Senhora* and *Lucíola* in an adverse relation. If on the one hand, Lúcia goes through the work inhabiting all spaces, without restrictions, and this is only possible because of her courtesan status. On the other hand, Aurelia moves in places pertinent to the ladies and ladies of respect. These contradictions and conflicts mark these works, with Alencar's own identity. A genuinely national author, aware of his role as a writer in the society of the time. In general, his works valued love, religiosity and nature, with the intention of developing a nationalized

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – câmpus de Rondonópolis. soilacanam@yahoo.com.br



literature. A true expression of the Brazilian soul, which allows its interlocutors a reading of temporal transition, from Romanticism to Realism.

Keywords: José de Alencar. Romanticism. Lucíola and Senhora. Feminine Myths.

1. Romantismo

O Romantismo foi um estilo, uma moda dominante na Europa em meados do séc. XVIII até metade do séc. XIX, em meio às contradições da Revolução Industrial e da burguesia ascendente.

De acordo com Coelho (1993. p. 166 e 167), o período romântico, “historicamente tem seu marco inicial na França, em 1789, com a queda da Bastilha que ficou sendo o símbolo da destruição do antigo mundo clássico e o início do novo mundo romântico, do qual somos herdeiros e continuadores.”

1.1 Romantismo no Brasil

No Brasil, o momento histórico em que ocorre o Romantismo deve ser visto a partir da chegada da família Real em 1808, que leva o Rio de Janeiro a viver um intenso processo de urbanização, tornando-se um campo propício à divulgação das novas tendências européias.

A transferência da corte portuguesa para o Brasil e a elevação da Colônia a Reino Unido, e sede do governo metropolitano renovaram o país. Naquela época, o soberano português iniciou na cidade uma série de reformas administrativas, sócio-econômicas e culturais, para adaptá-la às necessidades dos nobres que vieram consigo. Assim, foram criadas as primeiras fábricas e fundadas instituições como o Banco do Brasil, a Biblioteca Real, o Museu Real e a Imprensa Régia.

No que tange à literatura, busca-se o passado histórico e exalta-se a natureza pátria, na realidade, essas características já cultivadas e que se encaixavam perfeitamente à necessidade brasileira de autoafirmação.

Os autores que se encarregavam da renovação dos padrões literários fizeram-no como quem cumpria uma missão, para construir uma expressão original e legítima dos sentimentos nacionais.

O marco desse período no Brasil acontece em 1836, quando um grupo de brasileiros lança em Paris a Niterói, a revista *Brasiliense*, posto que, no mesmo ano Gonçalves de



Magalhães lançou seu livro de poesias “Suspiros Poéticos e Saudades”, considerado a primeira obra romântica de nossa Literatura.

Durante o período colonial, a prosa de ficção praticamente inexistiu. Nas décadas de 50 e 60 percebe-se o florescimento da prosa, com isso torna-se um modismo, visto o entusiasmo com que eram acompanhados os romances de folhetins.

Na prosa, destaco Alencar, devido a sua “vontade persistente de promover a literatura nacional, o esforço que nisto empenhou, a mesma cópia e variedade desta obra, mais talvez que o seu valor propriamente literário, lhe asseguram e ao seu autor lugar eminente nesta história” (MATOS, 1915, p. 111).

1.2 José de Alencar

José de Alencar, advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Mecejana - CE, em 1 de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro - RJ, em 12 de dezembro de 1877.

Era filho do padre que se tornara senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar, com quem formara uma união socialmente bem aceita, desligando-se bem cedo de qualquer atividade sacerdotal. E neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, matrona pernambucana que se consagraria heroína da revolução de 1817. Ela e o filho José Martiniano, então seminarista no Crato, passaram quatro anos presos na Bahia pela adesão ao movimento revolucionário irrompido em Pernambuco.

A vida de Alencar, segundo os escritos de Araripe Junior trata-se de um perfil literário e não uma simplória biografia.

Era ele neto de uma senhora de espírito varonil, que figurou nos calamitosos tempos em que as liberdades pátrias estiveram em perigo. Esta senhora foi a expressão mais completa do temperamento da família a que pertencia. Sanguínea e nervosa, tinha assomos irresistíveis, cogitações e deslumbramentos além do seu sexo e da educação sertaneja que recebera. Nessa época, havia uma coisa que cessou com o decorrer dos tempos, — ódio ao partido português, que representava o elemento da opressão: e ela, graças ao seu gênio imperioso, quando surgiu a reação, foi alvo das mais serias acusações (ARARIPE, 1978, p. 32).



As especulações em torno dessa imagem feminina que inspirava a força familiar, não passaram de informações deturpadas, pois seu objetivo fora o fortalecimento espiritual de seus filhos, mostrando-lhes o ânimo inabalável e ensinando-lhes a não absorver a calúnia.

A aparição de Alencar na sociedade, mais propriamente na literatura, não foi um mero acaso, ao contrário houve um planejamento visando seu reconhecimento.

[...] Desta sorte, longe de atirar-se, sôfrego, ao torvelinho da imprensa, a escrever sem tino, em busca de um nome precoce, viam-no prudentemente preparar-se para estréia, como que estava certo do papel que teria de representar na literatura brasileira do seu país e não receava competência capaz de antecipar-lhe o brilho (ARARIPE, 1978. p. 41).

A dedicação, o estudo e o caráter deram a Alencar o prestígio merecido. Assim sua preparação para estréia aconteceu em 1856, seis anos antes de *Lucíola* ser publicada.

Nos idos de 1862, Alencar detinha 33 anos, mesmo adotando e possuindo uma postura conservadora, cria Lucia uma personagem fora dos padrões idealizados da época, entretanto age com habilidade diplomata, para enfrentar essa imensa ruptura com modelos em voga no séc. XIX. Esse conservadorismo fez-se com o propósito de garantir a integridade. Numa visão análoga,

[...] o Guarani, tem características tais que difere, radicalmente, de seus antecessores: a começar pelo tema __ a vida de uma cortesã __ , no mínimo pesado, para as expectativas da época, povoada de sinhazinha e moças puras, aspirando a um casamento e namorando sem pensar em contato corporal algum... (RIBEIRO, 1996, p. 83)

Podemos observar em *Lucíola*, a preocupação de Alencar para não macular seu *perfil de autor*, pois a indicação bibliográfica de suas obras sempre foi recomendada para as donzelas, visto que seus corações e mundo fantasioso eram povoados pelo fascínio incitado através das histórias apaixonadas, vividas pelos protagonistas.

Todo esse fervor em busca de reconhecimento fora arquitetado. Sua aparição literária foi produto de um estudo meticuloso, visto que almejavam obras puramente nacionais e seguindo essa linha de pensamento pode-se dizer que nossa mente nacional obteve êxito em sua produção.



Embora alguns críticos contestassem a legitimidade brasileira calcada em seu enredo, muitos o reconheceram como o representante simbólico da "figura nacional por excelência". Isto porque Alencar teria ligado “as duas faces da formação nacional - a vida real e a vida ideal da raça brasileira”.

2. Lucíola e Senhora

A seguir apresento a síntese das obras Lucíola e Senhora inspiração para esse estudo.

2.1 Senhora

Senhora é um dos romances urbanos de Alencar que retrata o glamour da sociedade fluminense, a posição submissa feminina, bem como a ruptura da mesma em meio a estereótipos da época. Isso se faz por intermédio de sua personagem, a doce e imaculada Aurélia Camargo, que sofre transformações físicas e psicológicas no decorrer do romance.

Sua juventude foi ao lado da mãe, que após adoecer tenta encaminhar a filha através do casamento. Desse modo, todas as tardes a moça ficava na janela à espera de um pretendente, salvo que, contra sua vontade.

Certo dia conhece Fernando Seixas, por quem se apaixona verdadeiramente, a partir daí iniciam o namoro. Porém, em meio a tantos problemas relacionados às finanças, ele desfaz o namoro para noivar-se com Adelaide, em virtude da posição socioeconômica que ocuparia, conseqüentemente liquidaria suas dívidas.

Com isso, a tristeza se instala em Aurélia, mas inesperadamente se transforma após a moça herdar a fortuna de seu avô paterno. O orgulho, o ressentimento e o rancor agora fazem parte de sua vida. Seu objetivo primordial agora é comprar o noivo que lhe abandonará há tempos, o casamento passa a ser negociado como uma “mercadoria”.

Surgem vários pretendentes, pois além de rica era linda, sua beleza não era menor nem maior que a riqueza material, mas sim equivalente.

Determinada em pagar por Seixas, conversa com seu tio o velho Lemos e pede que ele lhe ofereça como dote 100 contos de réis e se a quantia não lhe agradasse, poderia ser 200, mas que não se revelasse ao rapaz quem seria a noiva. Fernando aceita o pedido, após alguns



dias conhece a moça e constata ser Aurélia, fica atônito, pois todos os homens queriam se apoderar daquele tesouro.

Casam-se, a partir daí vivem apenas de aparências, tanto em casa quanto para a sociedade.

Ela conseguiu o que tanto almejava, casou-se, não! Comprou o homem que tanto a fez sofrer e se tornar essa mulher prepotente e orgulhosa. Mas toda a rejeição para com Seixas, feria não só o mancebo, mas também a ela.

Depois de tantas conturbações, Fernando já se encontra com a quantia exata do dote que lhe foi oferecido pelo casamento. Ele quita sua dívida e tenta resgatar não só sua liberdade, mas também sua dignidade masculina. Então toda aquela história quase tem seu fim ali mesmo, mas o imenso amor que sentiam um pelo outro, os fizeram perpassar as barreiras construídas pelo rancor, provocada direta ou indiretamente pelo dinheiro.

2.2 Lucíola

Em Lucíola a personagem Lucia foge a princípio aos padrões da mulher romântica. Ela é uma prostituta que vive na noite, e desfruta dos bens que possui através dessa vida desregrada e maculada.

O amor, a moça descobriu quando conheceu Paulo, a partir daí começa a modificar seus hábitos noturnos. Não vai ao teatro, nem em festas particulares de amigos.

Paulo e Lucia viviam em harmonia, mas isso começou a mudar quando ele percebeu que ela o seguia, e isso o incomodou, porque ela não vivia, não era mais aquela que conhecera. Mas o que ele não sabia era que o amor estava tomando conta de Lucia. Então aquele primor de criatura, passou a definhar, consciente ou inconsciente, não acreditava ser digna daquele homem e daquele sentimento puro e nobre que começava a surgir.

A tristeza, a solidão e o arrependimento se apoderam da moça, isso a enfraquece e a deixa doente. Cada vez mais ela repele o amado, que não aceita a rejeição.

O rapaz acredita que ela voltou àquela vida pérfida, e por isso o despreza. E assim foram muitos dias. Já debilitada Lucia se desfaz de sua casa na cidade e compra outra mais simples no campo. Antes de se mudar resolve contar tudo o que lhe acontecera no passado se Paulo a acompanhasse em uma viagem. Ele aceita. Chegando a São Domingos o lugar onde crescera, ela tornou-se a se sentir mal, então revela a Paulo que ali era a casa que outrora



viveu com sua família, e que certa vez todos adoeceram com uma febre avassaladora, e não tendo dinheiro para remédios nem comida, decide pedir ajuda ao Couto, que em troca lhe toma o bem mais precioso “a honra”, seu martírio salva a família, que após descobrirem o que fizera a renegam a expulsam de casa. Sozinha e desamparada, é forçada pelo destino a se tornar Lucia, a dama de companhia daqueles que pagassem muito pelo seu carinho.

Esse nome marcado pela vergonha, não era de fato o seu, mas de uma amiga que havia falecido. Ela se apoderou dos documentos da outra, para que seus pais pensassem que ela é quem falecera, pois assim não sentiriam vergonha.

Seu verdadeiro nome era Maria da Glória, depois de tantas revelações, Paulo pode entender a razão daquele comportamento.

Alguém estava para regressar, era Ana a irmã caçula de Glória, que estava em um colégio interno. Em seguida partem para o campo onde a moça poderia viver sem amarras ao passado.

Seu amado, todos os dias a visitava, eles conversavam e passeavam pelo jardim. Até que numa manhã, muito indisposta fica em seu quarto. Paulo, logo vai buscar um médico. O choque foi grande quando o doutor disse que estava grávida e as complicações é que estavam a deixando doente. Infelizmente acaba perdendo o bebê, e depois de algum tempo era o moço quem perdia ser verdadeiro amor. Agora ele era o responsável por Ana, sua função de agora em diante era protegê-la como sua própria filha, uma vez que esse havia sido o último pedido de Maria da Glória.

3. Eva e Lilith

Segundo o mito, Lilith seria a primeira mulher da criação e teria sido a companheira de Adão até a suposta chegada de Eva.

Mas ela era considerada uma mulher rebelde, pois desejava ter as mesmas condições de igualdade. Por não conseguir, ela some e o abandona.

Os anjos então partem em busca de Lilith, a ameaçam, mas ela é irredutível e não retorna.

Em oposição a esse comportamento, cria-se Eva, para que ela ocupe o lugar de Lilith, a virtuosa. “E enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem” (GÊNESES, 1990, Cap. 2. 21-22, p. 50).



A partir desses mitos, Lilith passa a representar a figura feminina, transformada, independente e corajosa, mas também revela a outra face, da mulher vingativa e destruidora. Isso concretiza devido às diferenças ideológicas entre ela e seu antigo par. Ao passo que Eva vem ao encontro do anseio masculino, pois até então era considerada a esposa ideal, exemplar e submissa, aquela que todos os maridos sonham em ter.

As personagens criadas por Alencar possuem características peculiares, no entanto é relevante dizermos que no contexto de cada obra elas às vezes se tornam semelhantes.

Desse modo, é possível inferir que o comportamento das mulheres de José de Alencar tem respaldo e amparo nos mitos citados.

A protagonista Aurélia Camargo é apresentada como uma moça bela e com certo grau de ingenuidade no início do enredo, mas em virtude de suas percas ela se transforma. Isso é perceptível quando herda a fortuna. Na segunda fase percebe-se a modificação física e psicológica. O orgulho, a beleza e o fascínio despertado por ela aos olhos de todos são videntes. “Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. [...] Tornou-se a deusa dos bailes, a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa” (ALENCAR, 1997. p. 19)

O orgulho e desdém da moça para com seus pretendentes eram visíveis, o casamento antes visto como um estado pleno, agora não passa de uma mercadoria, quem paga mais levará o que lhe agrada.

A transformação de Aurélia relaciona-se ao dinheiro, conforme a passagem bíblica anuncia, “Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal (GÊNESES, 1990, Cap. 3. 5, p. 51).

Esse fruto proibido comido por Eva fez-lhe observar o mundo com novos significados, e isso custou-lhe uma vida feliz e eterna. Para Aurélia, esse fruto estava simbolizado na fortuna herdada, que também fez-lhe analisar as situações de modo frio.

A desobediência de Eva em ter comido do fruto é relativo à audaciosa ruptura convencional aos preceitos da época, percebe-se essa relação no trecho, onde Aurélia Camargo resolve comprar um noivo.

___ Os termos da proposta devem ser estes; atenda bem. A família da tal moça misteriosa deseja casá-la com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Se não bastarem cem e ele exigir mais, será o dote de duzentos...
[...]



[...] Desejo como é natural obter o que pretendo, o mais barato possível, mas o essencial é obter; e portanto até metade do que possuo, não faço questão de preço. É minha felicidade que vou comprar. (ALENCAR, 1997. p. 39)

Tal atitude surpreende, uma vez que não se trata de um simples arranjo matrimonial, como eram feitos naquele tempo, onde havia um interesse político ou ideológico, essa ação era realizada pela família suprindo a necessidade e anseios da mesma.

Ao sair dessa trama para atentar-se ao enredo de Lucíola, a heroína Lucia transcende no decorrer da obra. Sua vida também é marcada por perdas familiares, embora sob aspectos avessos aos citados em Senhora.

No início do romance ela é apresentada como uma bela mulher, atraente e sedutora, e isso têm relação com sua vida de cortesã. Esses e outros traços evidentes a aproximam do mito de Lilith, um ser que se apodera da noite. “Foi provavelmente durante o cativeiro da Babilônia que os judeus travaram conhecimento com esse demônio, ativo principalmente à noite” (BRUNEL, 1998, p. 582).

Apesar dessa forte relação com a noite, não se omiti os reflexos que o mito de Eva produziu em seu comportamento. “[...] Ainda pronta para sair, no momento de entrar no carro, já no teatro ou no passeio, bastava uma palavra minha para fazê-la voltar, muda e fria, é verdade, mas obediente e resignada” (ALENCAR, 1992, p. 96).

As oscilações e temperamentos das personagens Lucia e Aurélia evidenciam a presença do mito de Lilith, “a Literatura interessa-se, sobretudo por Lilith, a revoltada, que na afirmação de teu direito à liberdade e ao prazer, à igualdade em relação ao homem, perde a si própria assim como perde aqueles que encontra” (BRUNEL, 1998. p. 583).

Percebe-se a alusão ao mito de Lilith a revoltada no comportamento das personagens em estudo. Em Senhora toda a indignação se exteriorizou após o casamento.

[...] Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída, o senhor um homem vendido.

___ Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d’ alma.

___ Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido triste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado, comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, a minha riqueza por este momento (ALENCAR, 1997, p. 93).

Entretanto em Lucíola essa revolta ocorre em forma de mutação, na realidade passa por dois estágios a causa e a conseqüência de um ato. Após o sacrifício em prol da família, a



menina percebe que despojara sua inocência, isso se torna um agravante, quando não encontra amparo daqueles que ama, a protagonista vê-se obrigada a ser Lucia.

[...] Não sabia o que queria esse homem; ignorava então o que é a honra e a virtude da mulher: o que se revoltava em mim era o pudor ofendido. Desde que meus véus se despedaçaram cuidei que morria; não senti nada mais, nada, senão o contato frio das moedas de ouro que eu cerrava na minha mão crispada. O meu pensamento estava junto do leito de dor, onde gemia tudo que eu amava neste mundo (ALENCAR, 1992, p. 119).

[...] sai de casa. O único ente que me sorriu e me abraçou por despedida foi o anjinho que Deus me dera por irmã e conforto. Sentei na calçada. Era bastante tarde já, quando uma mulher que se recolhia me perguntou o que fazia ali àquelas horas. “Perdi meu pai e minha mãe, respondi, não tenho onde viver.” Jesuína... Era ela... levou-me consigo (ALENCAR, 1992, p. 120).

O prazer citado no mito não vem ao encontro do prazer nos romances. Este se refere à felicidade, ao amor que acalma a alma e incita a paz.

A revolta explícita no contexto em que as personagens estão inseridas é proveniente dos conflitos, e mesmo perdendo a si própria e aqueles que encontraram, ou seja, seus amores conseguiram transcender a esses desencontros, devido a um sentimento nobre, o amor. Mesmo tentando suprimi-lo em virtude dos espinhos cravados em seus corações, o valor do sentimento foi mais intenso e relevante.

A Quimera é algo que nos transporta ao imaginário, a um mundo onde podemos ser aquilo que nos agrada. Mas quando esse desejo se esvai, percebemos que entre o real e o imaginário há uma grande distância. Nesse pequeno instante de lucidez podemos analisar minuciosamente todas as nossas faltas e defeitos.

Todo o julgamento de valores estigmatizado pela sociedade fez Alencar projetar em Lúcia o sofrimento proveniente das crises de consciência e pudor, que só assolam aqueles que as possuem.

4. Considerações Finais



Em relação aos romances urbanos, Ribeiro afirma que, como diria o próprio Alencar os três perfis de mulher, como ele os chamava, impunham-se desde logo.

Alencar retratou neste tipo de romance a sociedade carioca com todas as suas belas fantasias de amor. Além disso, denuncia a hipocrisia, a ambição e a desigualdade social. O romancista se especializou também nas análises psicológicas de seus perfis femininos, revelando seus conflitos interiores.

Desse modo, Senhora e Lucíola eram leituras essenciais como expressão do romance urbano e próprio reflexo da sociedade contemporânea. “Em Senhora, ao contrário, o narrador ainda que fora do mundo narrado, não busca a distância histórica. Ele se permite assistir, como um observador quase contemporâneo, ao desenvolvimento das ações” (RIBEIRO, 1996, p. 376).

Sob outra vertente,

em Lucíola e em Diva, temos narrativas auto-biográficas, em que os narradores, ao contar a história de suas vidas, contam na verdade a biografia das mulheres que amaram. Não só compartilham o mesmo espaço histórico e social com as demais personagens, como tem um profundo envolvimento afetivo com as protagonistas. (RIBEIRO, 1996, p. 376)

O aspecto afetivo, com o qual Ribeiro trata a relação entre o autor e suas personagens, demonstram a verossimilhança do enredo. No que tange à imagem feminina, deixa transparecer que as obras citadas no trecho acima possuem a realidade como fonte inspiradora.

Alencar busca retratar todos os requintes e moléstias da corte, através destes, que considero romances de salão. O glamour da corte seduz e fascina a todos aqueles que buscam nela, uma vida boêmia para desfrutar todos os seus prazeres.

Com todo o prestígio, José de Alencar é considerado o maior romancista do Romantismo brasileiro, bem como um dos maiores de nossa literatura. Abrangeu em suas obras o perfil da cultura brasileira, na busca de uma identidade nacional que transcorresse os seus aspectos sociais, geográficos e temáticos, numa linguagem mais brasileira, tropical, sem o estilo português, que até então permeavam os livros de outros romancistas. Conseguiu escrever de forma primorosa sobre os mais importantes temas que estavam em voga na literatura da época, descrevendo desde a sociedade burguesa do Rio até o índio ou o sertanejo das regiões mais afastadas.



5. Referências

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 2ª ed. – São Paulo. FTD, 1992.

_____. **Senhora** / José de Alencar; Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença
Rio de Janeiro: Ediouro, São Paulo; Publifolha, 1997.

ARARIPE, Junior. **Teoria, Crítica e História Literária** (seleção apresentação de) Alfredo
Bosi. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, São Paulo, ed. EDUSP – SP, 1978.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução, introduções e notas, Ivo Storniolo e Euclides Martins
Balancin. Paulus. Brasília, 1990.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários** / sob a direção do professor Pierre Brunel;
tradução Carlos Susse Kind... [et al]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko; 2ª ed. _
Rio de Janeiro – RJ. José Olympio, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem: a obra Literária e a Expressão**
Linguística / Nelly Novaes Coelho. 5ª ed. Reform. __ Petrópolis - RJ. Vozes, 1993.

MATOS, José Veríssimo Dias. **História da literatura brasileira**. Ministério da cultura,
Fundação biblioteca nacional. Departamento nacional do livro, Julho de 1915. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2127,
acesso em janeiro de 2014.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e**
Machado de Assis. __ Niterói - RJ: EDUFF, 1996.